

Esporte e Mito na Democracia Racial no Brasil: Memórias de uma *apartheid* no futebol

Gilmar Mascarenhas de Jesus

Resumo

A história social do futebol no Rio Grande do Sul revela momentos de forte segregação racial, com destaque para a existência de ligas exclusivamente formada por atletas negros, nos moldes tradicionalmente encontrados na África do Sul (durante a vigência do Apartheid) e nos EUA até 1960. Verificamos a presença de tais ligas em cidades gaúchas como Porto Alegre (capital do estado), Pelotas e Rio Grande. A Liga da Canela Preta, que existiu na cidade de Porto Alegre, aproximadamente entre 1915 e 1930, é aqui enfocada como expressão da segregação do negro nesta cidade naquele momento. O conhecimento acerca da problemática inserção do negro no futebol brasileiro merece levantamentos de situações concretas, a fim de superar o estágio atual dos debates, caracterizado por forte atrelamento ao mito da democracia racial brasileira e a fontes historiográficas de alcance limitado.
Unitermos: Mito da democracia racial. Segregação. Futebol. Negro brasileiro.

Abstract

The social history of football in the state of Rio Grande do Sul reveals moments of intense racial segregation with prominence for the existence of leagues exclusively formed by black athletes, in the same form of those traditionally found in South Africa (during the Apartheid regime) and in the USA until 1960. We have found negro leagues in cities of Rio Grande do Sul such as Porto Alegre (the state capital), Pelotas and Rio Grande. The Black Shin League existed in Porto Alegre nearly between 1915 and 1930, and it is focalized here as an expression of the explicit racial segregation in this city at that time. Knowledge about the debut of black men in Brazilian football requires more surveys about concrete situations, in order to surpass the current stage of the debate, based on limited research of historical sources, and which has been characterized by widespread acceptance of the myth of Brazilian racial democracy.

Key-words: Racial democracy mith. Segregation. Football. Brazilian negro.

A história social do futebol brasileiro traz em si processos dramáticos e representativos de problemáticas centrais da sociedade. Inicialmente reduto exclusivo das elites, tal esporte rapidamente rompeu os círculos aristocráticos para ganhar as ruas e tornar-se entretenimento popular de largo alcance. Neste processo de democratização de uma prática esportiva, um dos aspectos mais tensos é a inserção do negro nos grandes clubes e/ou principais campeonatos de futebol.

O futebol se introduz na vida social brasileira justamente no momento em que esta vive uma conjuntura de acirramento das tensões raciais. O processo de desescravização, nas últimas décadas do século XIX, faz aportar nas principais cidades brasileiras densos contingentes de negros oriundos da zona rural. A substituição do trabalho escravo por imigrantes europeus acarretou não somente um quadro de falta de oportunidades de trabalho para o negro, mas todo um recrudescimento do racismo, no âmbito da ideologia do "enbranquecimento" da nova nação republicana.

No Rio Grande do Sul, onde o afluxo de imigrantes europeus foi particularmente maciço, a situação do negro adquiriu contornos dramáticos. Na cidade de Porto Alegre, início do século XX, pólo industrial e centro convergente da próspera zona colonial ítalo-germânica, a ideologia anti-negro encontra terreno fértil. Segundo Cardoso (1962:278-81), tão logo a máquina senhorial perdeu as condições legais e morais de coação, iniciou-se um processo de redefinição do conjunto de representações sobre a negritude: a positividade do escravo manso, fiel e laborioso vai cedendo lugar ao estigma da preguiça e da indolência. "Foi-se constituindo, pouco a pouco, o *problema negro*" (Cardoso, 1962:281).

Aproximadamente entre 1915 e 1930, quando o futebol se populariza em Porto Alegre, esta ideologia anti-negro está em pleno vigor, de forma que não resta ao negro outra alternativa para a prática do futebol senão a formação de uma liga exclusivamente composta por elementos descendentes dos escravos africanos há pouco libertos do cativo. Em Porto Alegre, temos a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense, pejorativamente conhecida (e divulgada na imprensa "branca") como Liga da Canela Preta. Em Pelotas, forma-se a Liga José do Patrocínio, e em Rio Grande, a Liga Rio Branco, todas exclusivas para atletas negros, em modelo semelhante ao encontrado nos EUA até 1960 e África do Sul na vigência do *apartheid*, quando a discriminação racial assumia forma aberta institucional¹.

O objetivo deste trabalho é trazer à superfície esta realidade desconhecida para a grande maioria dos estudiosos da questão negra e da história do futebol no Brasil. Acreditamos que podemos assim arejar o debate sobre a inserção do negro no futebol brasileiro, ainda muito condicionada pela clássica obra de Mario Filho², que alimenta o mito da democracia racial brasileira. Sobre esta obra pretendemos tecer alguns breves comentários, antes de mergulhar no universo do futebol de negros em Porto Alegre.

I. O Negro no Futebol Brasileiro: mitos contestados e lacunas abissais

Raquel Rolnik (1989) lamenta com propriedade a ausência de estudos sobre a inserção territorial do negro nas cidades brasileiras. Podemos estender tal constatação à presença do negro no futebol. No tocante às ligas negras, por exemplo, a literatura não ultrapassa vagas e imprecisas alusões. Mergulhar neste campo permite a possível revisão de teses consagradas na literatura acadêmica acerca do negro no futebol brasileiro. Em primeiro lugar, por que esta literatura carece largamente de investigações de realidades regionais para além do tradicional eixo Rio-São Paulo. Em segundo por apresenta outros problemas, relacionados à carga mitológica que esta atribui à contribuição do negro no estilo brasileiro de jogar futebol. Nos deteremos brevemente neste aspecto, para situar nosso trabalho neste privilegiado e polêmico tema dos estudiosos do futebol.

Antonio Jorge Soares dedica sua tese de doutoramento ao exame crítico deste clássico livro de Mário Filho, para concluir que trata-se de uma obra magnífica enquanto romance épico de um incontestável gênio promocional do esporte, porém carente de fundamentação científica. Segundo o autor, Mario Filho valeu-se de um aporte teórico-metodológico pobre (o "freyrismo popular") e submeteu os dados recolhidos à uma narrativa épica e romanesca, centrada na mitificação e endeusamento de atletas (sobretudo os negros) e de suas heróicas façanhas no campo de futebol, a despeito de suas reiteradas dificuldades na sociedade (Soares, 1998:170-2). O desejo de enaltecer e dramatizar o esporte fez com que a imaginação do romancista se impusesse ao fato histórico, conferindo à obra pouco rigor científico e discutida

veracidade. Neste sentido, a ficção muitas vezes se mistura aos fatos num estilo literário que o próprio Mario Filho inventou e difundiu com merecido sucesso (Soares, 1998:144-9).

O que Soares entende por "freyerismo popular" é, grosso modo, uma apropriação empobrecedora da extensa, fecunda e polêmica obra do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Freyre, como outros grandes intelectuais de seu tempo, desenvolveu, a partir dos anos 1930, toda uma nova interpretação da sociedade brasileira. Nela se via, pela primeira vez com argumentação consistente, a positividade da intensa mestiçagem na população. Positividade esta baseada na riqueza das diferentes contribuições culturais a formar uma nova e rica civilização nos trópicos, caracterizada ainda por baixo grau de tensão inter-racial.

A obra de Gilberto Freyre constitui referencial básico para discutir a sociedade brasileira, mas muitos de seus pressupostos e conclusões foram posteriormente rechaçados por uma nova geração de intelectuais que, a partir dos anos 1960, imprimiram às ciências sociais no Brasil a crítica aguçada do materialismo histórico e dialético. Esta crítica acusa Freyre de sustentar o mito de uma democracia racial, calcada da convivência pacífica das diferentes raças formadoras da nacionalidade brasileira. Não podemos nos estender por este vasto caminho, mas simplesmente, a guisa de exemplificação, apresentar a seguir um momento do livro de Mario Filho em que este expõe sua filiação intelectual a Gilberto Freyre (que aliás prefaciou a primeira edição de *O Negro no Futebol Brasileiro*).

Gilberto Freyre atribui ao comportamento sexual do colonizador português uma das causas básicas da mestiçagem e da convivência pacífica entre as raças, ao criar o "mulato" (o símbolo da mistura branco-negro) como amortecedor de conflitos. No Rio de Janeiro, em 1923, o Clube de Regatas Vasco da Gama, pertencente à numerosa comunidade portuguesa naquela cidade, protagonizou um dos momentos mais importantes no processo de democratização no futebol brasileiro, ao conquistar o campeonato carioca com um time formado majoritariamente por indivíduos negros ou brancos pobres, superando equipes elitistas como Flamengo, Fluminense, América e Botafogo, que dominavam o futebol local até então. Tal feito, que Mario Filho define como a gloriosa "Revolução Vascaína", deve-se, segundo o autor, ao fato deste clube ter seguido "a boa tradição portuguesa da mistura". Tratava-se, nesta ótica, de um comportamento cultural, próprio do segmento lusitano e de grande positividade. Os interesses econômicos e políticos envolvidos são completamente ignorados.

A tese de Soares (1998) sinaliza não apenas as limitações da obra enquanto fonte documental, mas sobretudo denuncia sua intensa utilização como fonte "incontestável" para as pesquisas acadêmicas. Soares (1998:154) critica a postura daqueles que "entronizam" Mario Filho como etnógrafo e historiador, reproduzindo seus mitos às custas da permanente falta de iniciativa de se efetuar os necessários levantamentos de fontes primárias. Queremos aqui apontar uma outra limitação ao largo uso desta obra como referência básica para as pesquisas. Trata-se do fato desta restringir o universo de análise à cidade do Rio de Janeiro, apesar de supostamente sinalizar a realidade nacional, conforme evoca explicitamente o título da obra. Entendemos que para mapear e aprofundar a questão do negro no futebol brasileiro, é necessária a realização de pesquisas localizadas. Partindo da ampla diversidade regional brasileira, bem como a dispersão espacial do elemento negro na demografia nacional, podemos imaginar um quadro heterogêneo de experiências do negro e sua inserção no futebol brasileiro. Uma destas experiências está aqui brevemente relatada, e enfocada no contexto da urbanização.

II. Os Negros e o Futebol em Porto Alegre: segregação é a palavra de ordem

Para melhor compreender e dimensionar a liga de atletas negros é preciso contextualizar historicamente suas ações no cenário esportivo portoalegrense. Em consonância com o projeto de modernidade, a cidade de Porto Alegre no início do século vibrava intensamente com os espetáculos esportivos, com destaque para o ciclismo e o turfe, este último dispondo de nada menos que quatro hipódromos (MONTEIRO, 1995:32). O remo já realiza campeonatos estaduais desde 1898 (HOLFMEISTER, 1978:19) e o ciclismo também encontra-se bem difundido. Examinando a economia urbana e regional no início do século, Paul Singer (1974:161-4) define Porto Alegre como a "cidade dos alemães", tendo em vista a forte predominância de "dinastias econômicas germano-riograndenses" na organização e condução dos grandes negócios e empreendimentos. Se observasse a vida esportiva, chegaria à mesma conclusão: a maioria das associações esportivas é de origem germânica. Ademais, os esportes modernos eram ainda privilégio ao qual a "massa" urbana local não tinha acesso.

O futebol apresentou lenta evolução inicial: de 1903 a 1909 (ano de fundação do SC Internacional), os "únicos" dois clubes existentes³ (o Grêmio F.B.P.A e o Fussball) limitaram-se a disputar anualmente entre si a taça wanderpreiss (geralmente em apenas dois confrontos pomposamente organizados, verdadeiros cerimoniais da elite convidada), e a realizar eventuais amistosos com clubes visitantes de Rio Grande e Pelotas (PIRES, 1967). A Liga Porto Alegrense de Football é criada somente em 1910. Neste ano, contando com sete agremiações, é disputado o primeiro campeonato municipal, e o futebol local inicia finalmente um processo de difusão social mais abrangente e efetivo. No ano seguinte, o Grêmio ergue em seu *ground* o majestoso pavilhão "social", com capacidade para 500 pessoas, e pequena arquibancada. Cobram-se ingressos, mas o morro ao fundo lotava de gente interessada, atestando a popularidade do futebol na cidade (GFBPA, 1983:6).

Segundo Sandra Pesavento, ao longo do século XIX se observa nas zonas pobres da cidade de Porto Alegre a formação de pequenos núcleos habitacionais de predominância negra, bem como se nota a existência de regiões (as "emboscadas") caracterizadas por abrigar temporariamente escravos fugitivos. Mas é com a desescravização que a territorialidade negra ganha corpo, através da geração de "um cinturão de cor em torno da cidade branca que se aburguesava lentamente" (Pesavento, 1995:84). A origem destes novos territórios étnicos tem relação direta com a exclusão do negro liberto de diversos setores da economia urbana que se industrializa e que prioriza a força de trabalho do imigrante europeu. Neste contexto se observa a formação de um novo bairro na cidade, reconhecido oficialmente desde 1896 como "arrabalde da colônia africana". Composta por tanques públicos para as lavadeiras e casario rústico de madeira, a aglomeração compacta da população negra na franja da mancha urbana de então constituiu uma espécie de gueto, centro de práticas religiosas afro-brasileiras e alvo de intensa discriminação na imprensa local já em 1895 (Franco, 1988:118-9). Deste arrabalde periférico, verdadeiro enclave étnico situado numa colina, descerão os negros em direção à várzea do "Caminho do Meio", do "Campo do Bom Fim" ou da "Volta do Cordeiro" para praticar o futebol⁴. Mais próximo à área central da cidade, havia outro "território" de segregação racial conhecido por *Areal da Baronesa*, assim chamado por ocupar terrenos da antiga chácara da Baronesa de Gravataí e pela abundância de areia de origem fluvial (do outrora sinuoso riacho popularmente conhecido por arroio Dilúvio). No século XIX, era uma "emboscada", aqui já definida como local não urbanizado, propício ao esconderijo provisório de escravos foragidos. Outra importante concentração de negros era a "Ilhota", sítio alagadiço vizinho ao Areal da Baronesa, e assim denominado em função das curvas do supracitado riacho formarem um alvéolo, quase "ilhando" um trecho do terreno.

O futebol se difunde com forma de entretenimento popular numa cidade que se apresenta como um tecido fragmentado, separando nitidamente grupos étnicos e sócio-econômicos; esta fragmentação vai incidir claramente sobre a organização do futebol.

III. O *Apartheid* Futebolístico: a Liga da Canela Preta

É difícil precisar o momento de fundação da Liga "Nacional" de Football Portoalegrense, a liga dos negros⁵. Podemos situar seu início em meados da década de dez, a partir da constatação da apropriação, desde 1911/12, do abandonado campo do SC Internacional pela população negra local que, numerosa, teria provavelmente possibilidades de organizar alguns times de futebol. Sua oficialização pode ter ocorrido no final daquela década. Consta que contava no início com os seguintes clubes: Primavera, Bento Gonçalves (famoso clube que excursionou com êxito pelo interior do estado em 1923), União, Palmeiras, Primeiro de Novembro, Rio-Grandense, 8 de Setembro, Aquidabã e Venezianos.

Em 1922, a liga "branca" criou sua segunda divisão e nela abriu oportunidades para jogadores e clubes negros, fato que os atraiu progressivamente, acionando uma lenta e gradual decadência da Liga da Canela Preta⁶. Interessante registrar que o sr. Francisco Rodrigues (pai do famoso compositor Lupicínio Rodrigues) dirigia o Rio Grandense, clube que gerou polêmica no interior da liga por definir-se como "mulato": somente mulatos e mulatas poderiam torcer pelo clube⁷. Cardoso (1962:302) alerta para a emergência deste movimento "mulato", que realiza uma polêmica diferenciação interna na comunidade negra, alvo de críticas e reações violentas por parte dos militantes da "raça".

Observa o autor a existência em 1915 de associações exclusivas para "mulatos", numa estratégia de ascensão social através da negação da negritude. Sendo o "outro" numa cidade cindida, o negro encontra no mimetismo em meio aos brancos uma forma de obter aceitação na sociedade. Cardoso (1962:298) visualiza uma pequena burguesia negra, originária de artesãos urbanos do século XIX, que se educou e que se expressa no periódico *O Exemplo*. Este jornal, em determinadas épocas, promove um discurso de pregação de "boas maneiras" aos negros, o que é uma forma de branqueamento, via aceitação de um código de conduta. Tais negros poderiam assim se tornar "protegidos", isto é, submeter-se a chefes de parentelas poderosos, capazes de abrir determinadas "portas", reproduzindo a velha ordem senhorial, agora numa sociedade capitalista. Esta "mobilidade social controlada" (Cardoso, 1962:299) podemos verificar também no futebol: no SC Internacional dos anos 20, havia uma "resistência oculta", só permitindo praticamente o acesso de mulatos e ainda assim bem credenciados⁸.

Infelizmente, esta liga até o presente momento raramente frequentou as páginas da literatura futebolística (acadêmica ou não). Coimbra e Pinto (1994:30), Guimaraens (1985:16), como outros, trazem vagas referências. Endler (1984:16), afirma que a liga teve "vida forte" até 1925. Baseado em depoimentos do ex-jogador Osvaldo Rola (o "Foguinho"), Guimaraens aponta a existência de três importantes ligas no futebol portoalegrense em torno de 1920: a principal, vulgarmente denominada *Liga do Sabonete*, composta por elementos da elite (a "nata do futebol da cidade"), que entravam em campo impecavelmente trajados; a liga intermediária, ou *liga do sabão*, composta por elementos da "classe média baixa": pequenos comerciários e clubes de etnias minoritárias como o Concórdia, de poloneses; por fim, a liga *das canelas pretas* (assim, no plural), disputada "somente por times de jogadores negros que não eram aceitos pelas outras equipes".

Considerando-se que Porto Alegre é um dos mais centros de prática do futebol no Brasil (Jesus, 1998), é de se notar a lentidão local em permitir o acesso de negros na liga principal. É amplamente conhecido o caso do Grêmio FBPA, que apenas admitiu pela primeira vez um jogador negro em 1952, e ainda assim por se tratar de Tesourinha (um dos maiores talentos já vistos no Brasil, e recusado pelo rival SC Internacional). Acreditamos que tal cenário tem ampla relação com a estrutura urbana de Porto Alegre: a presença de guetos negros e outros bairros étnicos (Pesavento, 1991:42) pode ajudar a explicar a segregação racial reinante no futebol local. A liga da *canela preta* e toda a rejeição por parte da liga branca são fatos que não podem ser isolados da dinâmica urbana. Em síntese, o futebol não pode ser tratado como um epifenômeno, alheio à sociedade envolvente.

Por fim, cabe uma nota para a denominação oficial da liga: parece-nos curioso a utilização do adjetivo "nacional". Este pode estar sugerindo a condição nativa, "da terra", quiçá criticando a larga presença na liga "branca" de não-brasileiros: argentinos e uruguaios, por um lado; alemães, italianos e até poloneses, e seus descendentes, por outro. Estes últimos seriam brasileiros, porém menos "brasileiros" que aqueles negros com algumas gerações nascidas em nosso território (lembrando que o Rio Grande do Sul foi uma das maiores províncias receptoras de escravos, e que os negros correspondiam em 1874 a 21% da população gaúcha)⁹.

Por outro lado, vale indagar sobre a denominação vulgar e sua ampla difusão. Ao estudar a Colônia Africana, Cláudia Mauch (1988) deparou-se com a seguinte situação: a imprensa promoveu larga campanha adversa, difamando tal comunidade, tornando-a conhecida no imaginário da cidade, ao mesmo tempo em que a literatura acadêmica silencia sobre a mesma¹⁰. A liga da "canela preta" também padece deste paradoxo: muito poucos a conhecem, porém muitos já ouviram falar. Outra semelhança entre ambas (além de contituiem territorialidades da segregação racial portoalegrense), é a carga altamente pejorativa. Segundo Pesavento (1998), "o léxico que designa espaços e lugares da cidade mediatiza valores, julgamentos e preconceitos, condenando práticas sociais e atores". A denominação oficial da liga ficou praticamente esquecido da memória urbana, em favor de um registro que despreza, ironiza e atribui um sentido de estranhamento e alteridade: aquelas "canelas" são diferentes, fojem ao padrão, elas são "pretas".

Conclusão

A partir do que foi exposto neste trabalho, podemos levantar ao menos duas indagações. Primeiramente, até que se prove o contrário, sabemos que todas as primeiras ligas de futebol criadas no Brasil eram de acesso restrito a indivíduos de cor branca e bem colocados na estrutura econômico-social. E que os negros e brancos pobres se organizaram na várzea e na periferia até adquirir paulatinamente lugar na liga principal. Seria importante saber se a formação de ligas de futebol de acesso exclusivo aos negros foi uma característica exclusiva do futebol gaúcho.

Conforme já foi dito aqui, carecemos profundamente de estudos sistemáticos sobre a inserção do negro na evolução do futebol no Brasil. O pouco já levantado recobre uma parcela ínfima do território nacional, não permitindo a menor generalização, enquanto procedimento científico legítimo¹¹. Há séculos, unidades da Federação como Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Maranhão, entre outras, aportam em seu estoque demográfico respeitáveis

percentuais de negros, e muito pouco sabemos sobre a participação destes na história social do futebol regional¹².

A existência de ligas como a da "canela preta" parece não encontrar suporte na dinâmica geral das relações inter-raciais no Brasil. Se a tal "democracia racial" constitui sabidamente um discurso há muito contestado severa e consistentemente por renomados estudiosos como Octavio Ianni e Florestan Fernandes, por outro lado não devemos esquecer que o Brasil desenvolveu um racismo de natureza peculiar.

O caso estudado, entretanto, aponta para um cenário que, ao menos durante poucos anos (até 1922, quando se abre um estreito canal de absorção de negros na segunda divisão da liga "oficial"), oferece evidências de uma segregação racial abertamente instituída. Surge-nos então a segunda indagação: que conjuntura sócio-espacial propiciou o surgimento de tais ligas no Rio Grande do Sul? Este questionamento parece suscitar algumas particularidades da sociedade gaúcha em relação à questão racial, que podem por fim apontar razões para a possível exclusividade de suas ligas negras no panorama racial brasileiro.

Apesar das imensas "lacunas" da literatura acadêmica (são na verdade verdadeiros abismos a inviabilizar qualquer resposta sensata à questão colocada), ousamos um encaminhamento através de Gitibá Faustino (1991:97) que afirma que o Rio Grande do Sul "sempre se caracterizou por ser um Estado (sic) onde o racismo atinge dimensões bem maiores que o resto do Brasil". Não detemos elementos empíricos ou mesmo instrumentos metodológicos para tentar aquilatar o grau de racismo entre os gaúchos, tarefa aliás pouco sensata, considerando-se o racismo um fenômeno de grande complexidade, impróprio para ser quantificado em gradientes. Entretanto, é interessante observar a forte tendência entre os negros no Rio Grande do Sul a formatar uma territorialidade e uma sociabilidade à parte da sociedade "branca".

Queremos enfatizar neste trabalho a necessidade de um amplo e prolongado esforço de pesquisa no sentido do preenchimento de imensas lacunas que persistem acerca do negro no futebol brasileiro, para que não prossigamos na conduta viciada de tecer generalizações descuidadas. Ou, o que também é indesejável, estar impedido de realizar qualquer generalização prudente. O fato de encontrarmos na trajetória de Tesourinha vários elementos em comum com o cenário descrito por Mario Filho reafirma a qualidade de sua obra, mas não justifica a ausência de novas pesquisas que permitam uma análise de maior cobertura espacial. Acreditamos que mesmo iniciativas de caráter introdutório, como a que agora apresentamos, podem contribuir no sentido de uma compreensão geograficamente mais representativa do futebol brasileiro.

Notas

1. De 1920 a 1960, existiu nos EUA uma liga nacional de beisebol exclusiva para os negros, The Negro National League. E esta provavelmente foi precedida de diversas ligas locais, também negras, posto que a liga principal, desde sua fundação em 1867, proíbe expressamente a participação de jogadores ou clubes negros (BARTH, 1980:179). Na África do Sul, não obstante a grande diversidade tribal no seio da população negra, a South Africa Bantu Football Association foi criada em 1933, embora existam clubes exclusivamente negros no país desde 1898. Tal liga sobreviveu

- paralelamente à liga "branca" até os anos 60, quando cedeu à crescente pressão da FIFA por uma única liga nacional de caráter multirracial (THABE, 1983: 6-10).
2. O principal manancial para o debate acerca da inserção do negro brasileiro no futebol se encontra na obra de Mario Filho (1947) *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1a. edição. A segunda edição é de 1964 (Ed. Civilização Brasileira), e a terceira é de 1994, pela editora Forno.
 3. Repetindo Mazzoni (1950) a literatura majoritariamente consagra esta informação, contestada entretanto por pesquisadores locais (Marco Quevedo, Raul Pons) posto que suas pesquisas revelam a existência de outros clubes no período, ainda que menos estáveis e organizados que a dupla Grêmio-Fussbal. O que porém não invalida o ano de 1909 como marco importante na consolidação do futebol na cidade, que passa a ter condições de gerar uma liga e campeonatos regulares.
 4. Toponímia do passado, referente a locais posteriormente reurbanizados, abrigando hoje o Pronto Socorro e unidades da UFRGS, como o Hospital das Clínicas.
 5. Lamentavelmente, toda a documentação referente a esta liga foi destruída por ocasião da enchente de 1941. As informações presentes foram colhidas em entrevistas: embora problemática, a história oral é o único resgate possível desta memória. E há inclusive divergências quanto ao local de surgimento da liga negra: para Endler (1984:16), ela surge na Colônia Africana.
 6. Informações extraídas de *Jornal do Inter* (1 a 15/08/1975) e *Zero Hora* (13/05/1987: suplemento especial: "História do negro no futebol gaúcho". Não imaginamos porém que todos os negros de então desejassem jogar na liga "oficial", sobretudo na divisão inferior.
 7. Não consta na fonte (Carlos Lopes dos Santos, em *Zero Hora*, 13/05/87) se também os jogadores do clube deveriam ser "mulatos". Por coerência, acreditamos que sim. Na cidade de Pelotas, é possível verificar, através de fotografia publicada na imprensa em 1931, que alguns times da Liga José do Patrocínio (também de negros) exibiam atletas "mulatos", como o SC Universal, enquanto outros clubes, como GS Sul América, o GS Vencedor e o GS Luzitano eram compostos exclusivamente por indivíduos cuja tez negra revelava possivelmente a ausência total de interferência progressiva de exogamia racial.
 8. *Zero Hora*, 13/05/1987, e *Jornal do Inter*, 1 a 15/08/1975. O próprio compositor Lupicínio, não obstante seu inegável talento musical, contou com uma rede de contatos para abrir "portas" e vencer o isolamento da Ilhota, chegando a alcançar fama na capital do País (façanha rara na época): aos 21 anos adquire, através acesso do pai a um desembagador, emprego de bedel na Faculdade de Direito; casa-se com uma mulher branca numa sociedade onde o índice de exogamia racial é dos mais baixos; torna-se torcedor do Grêmio (clube então racista e elitista), para o qual compõe belíssimo hino. Se Mário Goulart (1984:51) diz que "Lupicínio teve os amigos e os parceiros certos", acreditamos que não se trata de obra do acaso.
 9. Maestri Filho: 1997:234.
 10. O recente trabalho de Eduardo Kersting (1998) rompe alguns aspectos deste silêncio.
 11. Registre-se ainda o escasso intercâmbio de informações referentes às realidades regionais. Até onde alcança nosso levantamento bibliográfico, a liga da canela preta aparece pela primeira vez numa publicação fora do Rio de Grande do Sul somente em junho de 1998, no belo artigo de Lopes (1998) sobre as raízes mestiças do futebol brasileiro. Felizmente, trata-se de um periódico de circulação nacional.
 12. Em Salvador (BA), o historiador Aloildo Pires, autor da coluna "memória do futebol" no jornal "A Tarde", nos informou em entrevista que a primeira liga de futebol na Bahia (fundada em 1904) era chamada de "liga branca". Em 1912, conflitos geram

nova liga, a "liga democrática", que supostamente permitiria a participação de atletas negros. Segundo Mario Filho (1984:144) o jogador carioca Manteiga abandonou o América (RJ) em 1922 para se estabelecer no futebol baiano. A suposição de Aloildo, se confirmada, aliada à atitude de Manteiga, sugerem um cenário bem menos racista que o da cidade do Rio de Janeiro ("na Bahia estava em casa" enquanto no Rio tinha de andar "quase fugido", diz Mario Filho). Há indícios de ser Salvador a cidade pioneira no Brasil no acesso franco de negros à liga de futebol principal.

Bibliografia

- BARTH, Gunther (1980) *City People: the rise of modern city culture in nineteenth-century America*. Oxford: Oxford University Press.
- CARDOSO, Fernando H. (1962) *Capitalismo e Escravidão no Brasil Colonial: o Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul*. São Paulo: DIFEL.
- COIMBRA, David & PINTO, Antonio (1994) *História dos Grenais*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- COSTA, Emilia Vioti (1977) Urbanização no Brasil no século XX e O mito da democracia racial no Brasil, capítulos de *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Grijalbo.
- DIENSTMANN, Claudio (1987) *Campeonato Gaúcho: 68 anos de História*. Porto Alegre: Sulina.
- ENDLER, Sergio (1984) *Tesourinha*. Porto Alegre: Tchê/RBS, Coleção "Esses Gaúchos".
- FAUSTINO, Gitibá Guichard (1991) O negro gaúcho e suas origens in Vera TRIUMPHO (org) *Rio Grande do Sul: Aspectos da Negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor.
- FRANCO, Sergio Costa (1988) *Porto Alegre: Guia Histórico*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS e Pref. Municipal de P.Alegre.
- GUIMARAENS, Rafael (1985) *Foguinho*. Porto Alegre: Redactor Emp. Editoriais
- HOFMEISTER, Carlos (1978) *Pequena História do Remo Gaúcho*. Porto Alegre: CORAG
- JESUS, Gilmar Mascarenhas (1998) Futebol y Modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad, in *LECTURAS: Educación Física y Deporte* (revista digital), núm. 10, año III, mayo/1998, Buenos Aires.
- KERSTING, Eduardo (1998) *Negros e a Modernidade Urbana em Porto Alegre: a Colônia Africana (1890-1920)*. Dissertação de Mestrado, departamento de História da UFRGS.
- LOPES, José Sergio Leite (1998) Futebol "Mestiço": história de sucessos e contradições, in *Ciência Hoje*, vol.24 num.139, jun.1998, Rio de Janeiro: SBPC.
- MAUCH, Claudia (1988) *Colônia Africana: Criminalidade e Controle Social (Porto Alegre: 1888-1900)*. Programa de Pós-graduação em História da UFRGS.
- MAZZONI, Thomaz. (1950) *História do Futebol no Brasil*, São Paulo, Ceia.
- MONTEIRO, Charles (1995) *Porto Alegre: Urbanização e Modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- OLIVEN, Ruben (1996) Invisibilidade Social e Simbólica do Negro no Rio Grande do Sul in LEITE, Ilka Boaventura (org.) *Negro no Sul do Brasil: Invisibilidade e Territorialidade*. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (1991) *Memórias de Porto Alegre: Espaço e Vivências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS e Pref. Municipal, coleção Memória, num. 1
- _____ (coord.) (1992) *O Espetáculo da Rua*, Porto Alegre: Editora da UFRGS.

- _____ (1995) *Os Excluídos da Cidade in Presença Negra no RS*, Cadernos Porto e Vírgula, Porto Alegre: Unidade Editorial
- _____ (1998) *Lugares Malditos: a Cidade do "Outro" no Sul Brasileiro (Porto Alegre: passagem do século XIX ao século XX)*. Mimeo. Departamento de História da UFRGS.
- PIRES, Edison (1967) *A História do Gremio FBPA*. Porto Alegre: Firmo.
- ROLNIK, Raquel (1989) Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (Etnicidade e Cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro). *Cadernos de Estudos Afro-Asiáticos*, num. 17, pp 28-38, Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos.
- SINGER, Paul (1974) *Desenvolvimento Econômico e Rede Urbana*. São Paulo: Cia Editora Nacional.
- SOARES, Antonio J. (1998) *Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil: uma releitura da história oficial*. Tese do Doutorado, Programa de Pos-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho.
- THABE, George (1983) *It's a goal: 50 years of sweat, tears and drama in Black Soccer*. Johannesburg: (Africa do Sul): Skotaville Publishers.